

MALENA JAMBERCI

MÃES

A falta que faz morada em mim

Penalux, 2021

A mãe destrutiva

Destas que se instauram na rivalidade do feminino e se debruçam a reduzir o outro numa tentativa de se preencher e estar à altura de seus desejos (como se fosse possível).

Nara era dessas mulheres que acordava cedo e se debruçava em trabalhar: fora, dentro e dentro do que já era dentro. Sim, possuía aquilo que chamam de emprego formal, mas para além deste, trabalhava nos afazeres do lar e de quebra (e em seu lar) inventava um trabalho o qual intitulam de renda extra.

Nara também era mãe. E não qualquer mãe, mãe solo de uma adolescente. Adolescente esta que fazia suscitar todos os medos encobertos de Nara: curiosa, persistente e debochada. Apresento-lhes Munique.

Munique tinha a mãe como o ideal do que é ser uma mulher. Pobre Munique, se até Freud se confundiu, se perdeu e cogitou se cansar em responder tal enigma, o que sobras para ti?

Mas Munique era o que denominamos em um momento anterior, era persistente. Persistia em apresentar sua mãe as suas amigas como aquela que tudo sabe, que

amedronta e que exibe o poder, aquela que mesmo dormindo estava presente, já que a mesma dizia que tudo o que Munique fizesse, ela saberia, certa de que iria sonhar.

Por falar em presente, esse fora o primeiro aspecto a gerar desconforto nesta relação. Nara era tudo, menos presente.

Destes momentos dos quais o sujeito se depara com seu vazio, que se inicia um questionamento que parece não saciar, vemos nascer o (des)encontro nesta relação de mãe e filha. Para Munique, começou a não bastar esta mãe ser tudo, mas lhe ser ausente. De uma forma estreita começou a lhe testar, queria saber se de fato esta realmente sabia de tudo que acontecesse a sua volta. Faça uma ressalva aqui, daquilo que Lacan planificou de “toda demanda é uma demanda de amor”. A adolescente estava aqui, desenhando uma nova forma de obter existência.

Munique planejava uma saída. Destas típicas da fase do curtir. Iria com as amigas, mas não avisaria sua responsável, afinal a mesma nem iria saber, estava trabalhando.

O que a adolescente não soubera era acerca de seus laços sociais, uma das amigas de Munique era filha de uma cliente de Nara. Munique não avisara aonde e com quem iria, mas a amiga sim. Bastou uma hora e meia de festa para Nara aparecer. Puxões de cabelo, tapas na cara, voz alterada e o clássico de seu discurso: “você pode pensar que me engana, mas eu sempre irei descobrir”.

Encoberta em sua cama, naquela posição imaginária de se recolher de volta ao útero, Munique se questionava

do porque haveria de ser assim. Quando será que poderia deixar-se ter vontades próprias, para além do que sua mãe “preverá”.

Pior do que confrontar era inferir. Munique se interessara por um garoto. Sempre ouvira de sua mãe que homens não prestam e que não, mulheres não precisam destes para sobreviver. Mas Nara apresentou-se compreensiva, aceitou o relacionamento de princípio. Mas para não perder seu lugar, resolveu dificultar logo depois. Munique tinha hora para sair e chegar, poderia ficar a vontade em casa, mas contava a cada vinte minutos com a presença de sua mãe entre o casal, era sua forma de dizer que “estava de olho”. O rapaz, atrevido, persistiu. E Nara, claro, gradativamente fora acrescentando impedimentos.

Em um primeiro momento, “ok” este namoro. Mas, desde que antes ele ajeite aquela cadeira quebrada, depois estariam livres naqueles seus vinte minutos estabelecidos dentro de suas cargas horárias de relacionamento. Posteriormente, “eu irei conversar com ele antes de você, preciso analisar as reais intenções e você não possui maturidade suficiente para isso”. E novamente o atrevido do rapaz, persistia com/e para Munique.

Retomo aqui ao enigma da feminilidade, aquele devaneio em imaginar que o que lhe falta está presente na outra, ela sim deve saber como é ser uma mulher. Assim, o inconsciente deste feminino percorre por duas alternativas: rivalizar ou se aproximar, colar.

Nara não queria o namorado de Munique, mas este era um terceiro, um terceiro que atravessou aquilo que Lacan denomina de boca de crocodilo, esta mãe, que queria engolir esta filha para si, num ideal de acreditar estar protegendo. Este namorado surge então, como uma ameaça a esta relação.

Há coisas que fogem da compreensão e alcance do sujeito. O que se sente é uma delas. É preciso mastigar muito para enfim captar o sentido da coisa. Talvez seja este mastigar que chamamos de análise, esse movimento de inserir algo que veio do externo, degustar, inchar na boca, que se for de mais entala, que se for de menos não satisfaz, para só enfim se permitir “descer por goela abaixo”. Para uns, delicioso. Para outros, estranho.

Compreender o que se está presente em uma relação de mãe e filha requer coleções de saberes, e sabe-se lá se é possível alcançar algo. É uma relação que permeia chuva e sol, calor e inverno, temporais e calmarias, luz e escuridão, passes e impasses, que segura e outrora sacode. Incrível como um ser que gera, prepara, fornece algo de si e de seus cuidados pode também destruir, devastar, aniquilar e matar.

Há historicamente, uma combinação milenar onde se vive um antagonismo de convicções: é isso, não é; quem pode menos, quem pode mais; precisa disso, não precisa; compre o carro do ano, não compre; é o look da moda, não é; dentre tantos outros que só fazem ecoar em um

discurso pela busca de um preenchimento pleno, este, que é só parcial. Assim, só é capaz de proporcionar satisfações imediatas e momentâneas, mas que também se vai. E se vai em especial quando se vê ameaçado por outro objeto qualquer, onde certamente há uma figura por detrás dele que coloca o sujeito a perigo. Perigo de perder um lugar que ele imagina que tenha. Toda resenha que poderia ser resumida somente dizendo que estas são formas destes sujeitos comunicarem acerca de suas faltas.

A relação de Nara e Munique representam os impasses de duas identidades enviesadas pelo depositar uma na outra a salvação de si próprio. Aquilo que Freud chamou de continente obscuro, este lugar amplo, e não visível. Freud também nos disse que o ódio antecede o amor. Teria Nara odiado sua filha? Teria Munique amado tanto a ponto de se permitir anular-se?

Acredito que ambas teriam amado demais, e odiado também. E se perdido do mesmo modo. Em suas feridas narcísicas de não se aceitarem castradas, portanto, nada seria suficientemente completo de prazeres. Se ambas tivessem se resolvido com suas próprias faltas, poderiam quem sabe, ter possibilitado uma nova forma de se relacionarem. Caminho outro que não fosse a destrutividade.

Qual seria enfim o desfecho para uma relação aguerrida? Que se pode fazer perante o furo do outro que contrapõe com o seu próprio? Quem estaria certo ou errado? Quem de fato sobreviveria? E trago uma pergunta/questão

final: por que é preciso ter ganhadores? Escolher quem ganhar é automaticamente apontar para quem perdeu. E em uma relação, ambos perdem, ambos ganham. Criemos uma terceira saída: ambos crescem. Retornemos a história.

O decorrer dos anos proporcionou o que Nara tanto fugira: um novo amor. Aquilo o qual a mesma relutara e se contrapôs durante anos enfim veio à tona. Nara se envolveu, encantou-se com a oferta deste outro: um carinho, um jeito doce de ser tratada. Alguém que agora ela poderia dividir funções, um tempo o qual ela pudesse enfim cuidar de si também, ou só se aquietar, visto que agora tinha mais alguém para fazer as inúmeras funções anteriormente realizadas de modo individual.

Munique seguiu a receita, rejeitou este homem. Pregou-lhe peças, testava-o como nessas provas de concurso. Aperta daqui, confronto de lá. Questiona, tenta retirá-lo de cena, se faz sensível, diz precisar mais da mãe do que anteriormente. Coloca-se vulnerável para dizer que também estava se sentindo fora desta nova relação a qual se formava. Munique aprendera bem com sua figura materna acerca de como reagir e tratar aos homens.

Assim como Nara, toda encenação desta filha que se sentiu ameaçada também fora em vão. Nara se casa novamente, e nos embalos das novas promessas de amor, optam por uma gravidez detalhadamente planejada. Nasce à segunda filha de Nara, a irmã de Munique. Com o nascer de alguém vem o separar-se de outro. Aquele, que sempre

fora colocado no lugar de intruso. O atual marido de Nara recebe uma proposta vantajosa de serviço, seu único pesar é distanciar-se da atual e recém-família construída. Decididos por realizar uma aposta, este marido se muda sozinho para aceitar a nova vaga. O combinado é ficar um período até a estabilidade financeira chegar e depois retornar ao lar.

Cenário arquitetado. Novamente uma casa vazia da figura avassaladora masculina. Nara, Munique e agora Bárbara vibram e compartilham da feminilidade vitoriosa.

Munique desenvolve por Bárbara uma afeição controladora e perigosa. Passa a querer assumir um papel que não lhe pertence: de mãe. Numa tentativa tola de dizer a Nara como é que é ser uma mãe de verdade. Munique abraça, dá carinho, vibra a cada tentativa das primeiras palavras e primeiros passos desta criança. Quando ouve de Bárbara o nome de sua mãe como o primeiro a ser enunciado, sente-se insegura e falha, menos amada: “onde teria errado para não reconhecer em mim a sua mãe?”.

Em seu livro *De Menina a Mulher*, Malvine Zalckberg esboça seu olhar característico para o feminino ao mencionar que por detrás de uma mulher há outros enlaces envolvidos: o seu, o de sua mãe, e o da mãe de sua mãe. Nunca é só – que já não é pouco – sobre uma única figura, mas do conjunto de representações que vai passando de gerações a gerações.

Munique queria barrar a passagem do ódio. Devia sentir ciúmes por perder seu lugar de filha única, mas sentia-se

responsável, como se estivesse tendo a oportunidade de brincar de uma boneca viva que pudesse dar certo. Munique queria treinar Bárbara para não se deixar cair nas garras de sua mãe. Para conseguir separar-se e se constituir diferente. Munique queria fazer pela irmã o que não havia conseguido fazer consigo mesmo. Bárbara era apenas um bebê.

A rotina de Munique, ainda adolescente, mudara totalmente. Bárbara chorava muito a noite, Munique acordava para tentar acalmá-la, e afirmava com clareza para Nara: “pode descansar, eu cuido dela”. Munique pesquisava o melhor brinquedo para cada idade, as melhores músicas de ninar, as melhores brincadeiras para fazer rir. Munique queria muito que esta outra acertasse. E presa em sua ferida aberta, não se deu conta de que estava repetindo exatamente o que sua mãe fizera: sufocando. Tamponando.

Volto a mencionar o rei da Psicanálise, Freud nos alertava para o conceito de compulsão a repetição. Está o sujeito, a mercê de se tornar vítima de suas próprias lesões não elaboradas. Sujeitos tendenciados a reproduzir suas construções adquiridas.

De forma resumida, a castração na menina está interligada as suas dúvidas com relação aquilo que lhe falta. Nos primórdios da sexualidade infantil, ao perceber que lhe falta algo, esta se volta a sua mãe como se a mesma tivesse lhe tirado, ou que esta mãe soubesse como fazer para obter, ao perceber que a mesma também não tem, a frustração bate a porta. Assim, de uma forma gradativa



LIVROS ILUMINAM

Este livro foi composto em ELECTRA LT STD
para a Editora Penalux, e impresso em papel
off-white 80 g/m², em fevereiro de 2021.